

A paixão Segundo M. G.

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

O filme de Mel Gibson sobre a Paixão de Cristo tem suscitado polêmicas e discussões como poucas vezes se tem visto nos inúmeros casos de filmagens da vida de Jesus no cinema. Nem por sombra tão genial como Pasolini com seu "Evangelho segundo São Mateus" nem tão original como "Jesus de Montreal", a Paixão de Cristo de Mel Gibson tem realmente mobilizado a opinião pública. Pairam sobre o filme suspeitas as mais diversas: anti-semitismo, sadismo, radicalização e abuso da violência, infidelidade aos textos evangélicos, imprecisões exegéticas etc.

Parece-me, no entanto, que na verdade o verdadeiro problema na recepção e leitura do filme reside na perspectiva e no ponto de vista desde o qual o vemos. A questão do filme de Mel Gibson não passa, a meu ver, pelo nível meramente sensorial e artístico. Neste ponto, realmente o filme deixa bastante a desejar: abusa de recursos como a câmera lenta, teatraliza cenas que pouco têm de linguagem cinematográfica, etc. Sua intencionalidade, porém, situa-se em um nível mais profundo.

Pois, - apesar do agressivo marketing que o fez ser um sucesso de bilheteria, que rendeu ao realizador muitos milhões de dólares - não se pode ignorar que "A Paixão de Cristo", além de uma realização cinematográfica, é um filme feito a partir da experiência da fé. O cineasta está mostrando ali aquilo em que crê. E mais: suas "escapadas" da objetividade devem-se, em grande parte, ao fato de que a leitura que faz da Paixão de Cristo é a sua própria leitura subjetiva de fé.

Não podemos aqui, nem nos é dado esse direito, de avaliar a profundidade e a autenticidade da vida de fé do diretor do filme. Que sabemos nós? Como dados objetivos, temos: sua filiação católica bem tradicional; sua conhecida predileção por filmes violentos, que tem acompanhado toda a sua produção; seu lazer em sua fazenda onde - segundo nos informa a mídia - se deleita em castrar bois e animais, etc. No entanto, quis fazer um filme sobre Jesus Cristo onde é nítido seu envolvimento com o que é filmado. Inclusive sua declaração em recente entrevista de que fez questão de que fosse sua mão que pregasse o primeiro prego na mão do Crucificado, para fazer uma confissão pública de seu estatuto de pecador avaliza o que afirmamos acima. Trata-se, portanto, de um filme feito por um cristão, um católico que ali expressa o coração de sua fé, concordemos ou não com sua maneira de interpretá-la.

O filme, em termos teológicos, é bem tradicional. Jesus Cristo, segundo Mel Gibson, é o Servo de Javé, o Cordeiro de Deus que carrega o pecado do mundo e por seu sofrimento redentor salva toda a humanidade. Isto aparece claro desde a primeira cena do filme, na oração agônica de Jesus no Getsemani, antes da Paixão. Sofrendo com a angústia e o horror da morte que se aproxima, o Messias é assaltado pela tentação demoníaca de sair daquele caminho e desviar-se do que é a vontade do Pai. A serpente que personifica a tentação é violentamente esmagada por seu pé. Após isso, inteiramente entregue ao destino que é o seu, Jesus encaminha-se serenamente para enfrentar os soldados que vêm prendê-lo.

Esta é a mensagem central de Mel Gibson: a paixão de Cristo é mistério de salvação. Jesus Cristo, que a fé cristã proclama Filho de Deus, entrega sua vida, sofre e morre para resgatar a humanidade pecadora, responsável por sua morte. O contraponto que permeia toda a via-

sacra, o caminho de Jesus rumo ao Calvário, é acompanhado pelo demônio de um lado e Maria do outro. Este é o recurso encontrado pelo diretor para explicitar a soberana liberdade com que o Filho de Deus percorre, por obediência e amor ao Pai, esse caminho até a cruz. Liberdade esta constantemente ameaçada de ser interrompida pela infidelidade, a desistência, o desamor. E ao mesmo tempo incessantemente confirmada pela com-paixão da mãe que sofre com ele e o acompanha até o fim.

Não percebo conotações anti-semitas no filme de Mel Gibson. Pelo contrário, parece-me que o diretor expõe os judeus como vítimas, oprimidos e desprezados como o é o próprio Jesus (judeu também ele). O desprezo com que Pilatos fala de seu horror por estar servindo ali naquela suja e odiosa Judéia fundamenta o que desejo dizer. Igualmente a cena do Cireneu, agredido e insultado pelos soldados romanos, sendo chamado despectivamente de "judeu". Por tudo isso, parece-me que o povo judeu - com exceção, talvez, da figura de Caifás- está mais identificado com Cristo do que com os que o matam. E ainda os membros do Sinédrio que denunciam a farsa que é o processo de Jesus.

Há violência, sim, na Paixão segundo Mel Gibson. Muita violência. Mas não é esta a violência que sofreram, desde que o mundo é mundo, todos os condenados da história? Não é assim que desde sempre foram tratados os fracos, os indefesos, os inocentes? Não é assim que hoje ainda são maltratados os pobres, os presos políticos e aqueles que têm a desgraça de cair nas malhas cruéis de nosso injusto e assassino sistema carcerário? Por que nos escandalizamos e desviamos o rosto quando se trata da Paixão do Filho de Deus? Por que achamos que essa violência é excessiva e assistimos tranqüilamente na televisão jovens e crianças sendo torturados sem reclamar de excessos e abusos ou emitir acusações de sadismo?

Com todas as suas falhas e lacunas, imprecisões históricas, exegéticas e cinematográficas, já expostas à exaustão pela mídia, o filme de Mel Gibson tem o grande mérito de fazer-nos olhar de frente algo de que fugimos o mais que podemos: a dor, o sofrimento e a morte. Mais: obriga-nos a ver no sofrimento de Jesus Cristo, reconhecido e proclamado pela fé cristã como Filho de Deus, a que ponto pode chegar ao mesmo tempo a barbárie e a grandeza da humanidade. Mais ainda: convida-nos a entrar no mistério que somente a fé pode enxergar: o do resgate do pecado e da morte pelo perdão, pelo amor, pela dor aceita e vivida, pela entrega da vida do próprio Deus que em sua encarnação assumiu em tudo a condição humana e a partir daí curou nossas feridas e enfermidades.